

O TRAJE DO BONECO PRÉ-HISPÂNICO NA MESOAMÉRICA

The costume of the puppet pre-Hispanic in Mesoamerican

Pereira, Dalmir Rogério. Mestre; Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo (CAC/ECA/USP),
dhalrogerio@usp.br¹

Resumo

Este estudo demonstra a existência do traje de cena de teatro de bonecos no continente americano precedente à chegada dos europeus. A partir de imagens de documentos históricos e registros de figuras arqueológicas, apresenta um breve panorama acerca das características diversificadas e específicas do traje do boneco mesoamericano e sua importância para o histórico do traje do boneco.

Palavras-chave:

História do traje de cena no teatro de bonecos; o traje do boneco pré-hispânico.

Abstract

This study demonstrates the existence of the scene costume on Puppet Theatre in the Americas preceding the arrival of Europeans. From images of historical notes and pictures of archaeological figures provides a brief overview about the diverse characteristics of the Mesoamerican puppet costume and its importance to the history of the puppet costume.

Keywords: History of the scene costume of the Puppet Theatre; the costume of the puppet pre-Hispanic.

¹ É cenógrafo, figurinista e atua na área do teatro de formas animadas. É Mestre e Doutorando em Artes Cênicas pela ECA/USP, onde pesquisa o traje de cena no teatro de bonecos a partir do estudo de casos nas companhias: Royal de Luxe, em “ Saga dos Gigantes” (1994-2012); e Giramundo, nos espetáculos “Cobra Norato”, “Giz” e “Vinte Mil Léguas Submarinas”.

Introdução

Este estudo sobre o traje do boneco mesoamericano pré-hispânico representa a introdução de uma possível configuração arqueológica do traje de cena do teatro de bonecos na América Latina.

O interesse pelo traje do boneco mesoamericano se deve ao fato de este estar inserido em um contexto ancestral ameríndio de crenças animistas, simbolizadas por mitos em um período onde o homem se relacionava com as divindades (natureza), através de crenças e ritos nos quais o boneco ocupou um lugar de destaque na representação de deuses e figuras totêmicas. Em um período que se estendeu até o século XVI, antes da chegada europeia às Américas, período em que o rito religioso precede o teatro de bonecos.

Desta forma, este artigo busca esclarecer questões específicas como: o que vestia este boneco latino-americano anterior ao teatro de bonecos e o que vestia seu manipulador; qual a função e significado desta vestimenta na composição da figura do boneco; qual a relação deste traje ritualístico com a indumentária humana do período e das culturas pré-hispânicas; e qual a relevância deste material para a construção de um histórico do traje de cena de teatro de bonecos.

Para a análise do traje do boneco mesoamericano foram utilizados registros digitalizados de artefatos pictóricos de diversas culturas do período pré-hispânico e registros fotográficos de figuras escultóricas de bonecos respectivos ao período arqueológico precedente à chegada dos conquistadores europeus. A partir do mapeamento introdutório, acerca do boneco pré-colombiano, proposto pelo pesquisador mexicano, radicado na Venezuela, Daniel Alejandro Jara Villaseñor, especialista em pré-história do teatro de bonecos.

Que em '*Títeres Préhispânicos de Mesoamérica: Una Página de la Historia del Teatro de Muñecos en América Latina*' (2013) apresenta, a partir de

documentos e imagens de esculturas, a existência pré-histórica do boneco em diversos povos da América Latina. Especificamente na região mesoamericana, onde há uma maior concentração de vestígios arqueológicos que resistiram à conquista europeia e ao tempo.

1. Sobre terminologias de boneco, traje de cena e suas especificidades.

Diferente da língua inglesa, em que o termo *puppet* não se vincula ao termo *doll*, e do castelhano, em que *títere* se difere de *muñeco*, na língua portuguesa, não há uma palavra exclusiva para o objeto articulado: boneco, do teatro de bonecos. Esta decisão foi adotada pela Associação Brasileira de Teatro de Bonecos em um congresso em Ouro Preto no ano de 1979, com o propósito de manter o termo em português.

A partir de então, segundo Amaral (2011), convencionou-se utilizar a palavra boneco, como termo genérico que abrangesse os vários tipos de bonecos, caracterizados por seus sistemas de manipulação: o boneco de manipulação direta, em que os atores o manipulam em contato direto com a cabeça, mãos e pés do boneco; o boneco de varas, que tem seus movimentos controlados por varas; o boneco movido por fios, também conhecido por marionetes; o boneco de luva ou fantoche, em que o bonequeiro veste o boneco e o articula com as mãos; além de outros.

No Brasil, o boneco de luva, trazido pelos europeus, deu origem ao mamulengo, popular teatro de bonecos realizado em alguns estados do Nordeste brasileiro. Entretanto, este tipo de boneco já existia na Mesoamérica pré-hispânica, além de alguns bonecos de técnicas de manipulação desconhecidas, como será mostrado mais adiante.

Na busca por esclarecer a especificidade da palavra boneco, de maneira que o termo dê conta de significar o boneco que precede o teatro de bonecos, pode-se reportar ao que John Bell (2001, p. 5) chama de “performing objects”, que, para o autor, trata-se de um termo mais abrangente que objetos cênicos e objetos animados, incluindo figuras antropomórficas e zoomórficas, objetos e imagens utilizados no teatro de formas animadas. No qual, estão inseridos o teatro de máscaras, o teatro de objetos e o teatro de bonecos, seguimento a que se refere este texto.

Desta forma, este conceito engloba não só o boneco, como também máscaras, objetos e toda e qualquer figura icônica. Para Bell (2001, p. 5), tratam-se de imagens concretas do homem, do animal ou de espíritos criados, apresentados ou manipulados por atores em narrativas ou espetáculos dramáticos. Esclarecendo que nestas representações não há a pretensão de realismo, no sentido de não haver uma busca por semelhanças concretas entre o ser vivo representado e a imagem cênica apresentada com o objeto.

Em concordância com este autor, será mantida nesse texto a palavra boneco no sentido de “performing objects”, vinculando-a às manifestações ritualísticas mesoamericanas em que o foco de atenção não era o humano, e, sim, as figuras totêmicas, as máscaras e objetos, como no teatro de bonecos, entretanto, concentrando o foco apenas no traje do boneco.

Neste sentido, é importante esclarecer que o termo traje de cena é utilizado para designar a vestimenta presente em qualquer tipo de cena artística, podendo abranger trajes de teatro, dança, mímica, performance e outras variantes da cena contemporânea. Trata-se de um termo mais abrangente que traje teatral porque agrega o aspecto ritual da vestimenta e ressignifica sua conotação cênica para além do sentido de ornamento.

No caso da vestimenta do boneco, o traje de cena é criado e confeccionado a partir do sistema da vestimenta humana, porém, desvincula-se da dimensão real da roupa humana. É quase sempre uma criação confeccionada em escala

reduzida ou ampliada, sempre adequada à estrutura de um corpo não-humano, com o propósito de investi-lo simbolicamente e integrar-se ao corpo do boneco.

Mesmo a ausência da cobertura do corpo do objeto com tecidos ou outros materiais – como é o caso da pintura no boneco, ou mesmo do nu ou da tatuagem no corpo humano – também se configura como traje de cena.

O traje se integra e agrega simbolicamente o corpo do boneco deslocando-o para o território extra cotidiano do rito e do jogo teatral. Esta vestimenta é unificada ao objeto articulado proporcionando-lhe um DNA epidérmico, integrando-se a sua constituição material e simbólica.

Cada traje é feito especificamente para cada boneco e relacionado à estrutura, técnica de manipulação e origem cultural e geográfica, devido às diferentes influências que a tradição indumentária e os costumes de cada região e época exercem sobre o mesmo. Como é o caso do traje de cena do boneco mesoamericano, que manteve semelhanças com a indumentária ritualística humana, como se pode ver na figura 1.

Trata-se de um elemento de constituição específico e característico do traje de cena do boneco, pelo fato de ser um traje confeccionado em escala reduzida ou ampliada a partir das dimensões da vestimenta humana, específico para compor um boneco que será utilizado em uma representação.

2. O traje de cena do boneco pré-hispânico.

Considerando a hipótese de que o boneco pode ter surgido simultaneamente em diversas regiões do mundo – como pode ser constatado através de peças arqueológicas e vestígios de bonecos articuláveis de estruturas muito similares, encontrados em culturas antigas da Índia, China, Egito, Grécia, Roma, entre outras – o boneco pode ter chegado à região da América Latina junto de seus primeiros habitantes.

Segundo o especialista em marionetes pré-hispânicas, Daniel Alejandro Jara Villaseñor (2013, p. 20), possivelmente, povos nômades de trinta mil anos atrás, quando cruzaram o estreito de Bering para povoar a América, já trouxeram em suas bagagens alguns bonecos rudimentares com os quais podiam realizar oferendas, curas espirituais, entre outros ritos.

Neste caso, segundo Quilici (2004, p.65), o rito está vinculado à religião, que estabelecia nas comunidades arcaicas um horizonte comum de compreensão dos fatos e da vida, através da passagem da formulação exclusivamente verbal para a linguagem corporal dos atos, proporcionada pelos rituais.

Indícios da existência do boneco nestas representações ritualísticas, na cultura dos povos indígenas da América Latina, foram constatados por Jara V. (2013, p. 20) a partir de citações de documentos antigos, como o texto pré-colombiano *'El Libro del Consejo o Popol Vuh'*² da cultura Maia, que revela uma particular concepção da origem do homem. Esta obra é ilustrada com alegorias, como, por exemplo, as que remetem ao homem construído em barro e madeira.

Outra referência citada por Jara V. (2013, p.23) é o “Códice Nuttall”, manuscrito pictórico pré-hispânico da cultura mixteca, referindo-se especificamente à lâmina 10 (Ver Figura 1). Segundo a historiadora de arte, especializada nas obras pictóricas pré-hispânicas, Elizabeth Hill Boone (2000, p.45), a escritura asteca e mixteca são consideradas pictográficas devido ao fato de grande parte de suas informações ser transmitida representativamente. São imagens de pessoas, objetos e acontecimentos que têm, segundo a autora, uma reconhecível semelhança visual com o que representam, de fatos históricos a acontecimentos cotidianos.

² O termo Popol Vuh, traduzido do idioma quiché como “Livro da Comunidade”, é um registro documental da cultura maia, produzido no século XVI, e tem como tema a concepção de criação do mundo.

Figura 1- Figura da Lâmina 10 do “Códice Nuttall”. Homem trajando indumentária ritualística manipulando dois bonecos astecas vestindo trajes de figuras míticas. (www.abakmatematicamaya.blogspot.com.br) 2015.



No caso específico da figura asteca acima, pode-se observar que a personagem central tem na palma de suas mãos dois bonecos. E Jara V. (2013, p. 23) relaciona esta imagem com uma passagem do “Códice Florentino”, documento que, segundo o arqueólogo Román Piña Chan (2013, p. 13), foi ampliado na obra de Frei Bernadino de Sahagún (1499-1590) no período da conquista espanhola.

A passagem principal do texto que se relaciona com a figura diz: ‘(...) *Asentose en medio del mercado del tianquez y dijo llamarse Tlacauepan (...) y hacía bailar um muchachuelo en la palma de sus manos- dicen que era Huitzilopochtli (...)*’ (SAHAGÚN apud JARA V., 2013, p. 23).

Estas referências indicam que a figura se trata de um registro de um fato cotidiano ocorrido e não de uma criação pictórica, o que torna o desenho uma fonte importante para a compreensão do traje do boneco asteca.

Nesta imagem (figura 1) o traje dos bonecos e do manipulador eram ricamente adornados com detalhes de peças como joias, armaduras e tecidos que remetiam a um seguimento de vestimenta nobre influenciada por um sistema religioso, ritualístico, onipresente e complexo, já que eram elementos utilizados na representação de deuses, durante o império asteca.

O tecido que compunha parte desta vestimenta dos bonecos e de seu manipulador não era de fibra animal. Segundo Anawalt (2011), os mesoamericanos não tinham animais domésticos com pelo de lã, portanto, todos os seus tecidos eram de fibras vegetais, sendo o algodão a fibra mais valorizada e proibida para grande parte da população, devido à grande dificuldade na confecção do fio e das peças de roupas desta fibra.

Mas, certamente havia tecido na composição destes bonecos, porque, ainda de acordo com a mesma autora, registros arqueológicos indicam que a produção têxtil mesoamericana precedeu à cerâmica e à agricultura. E análises etnográficas indicam que a confecção de tecido ocupava mais horas de trabalho por ano do que a soma da produção de cerâmica.

Uma sociedade onde a valorização da produção têxtil era tão acentuada leva a crer que, possivelmente, as peças arqueológicas, como os bonecos feitos de terracota e osso de baleia, – especificamente as figuras articuladas – eram vestidas com trajes de tecido, além de joias de pedrarias e armaduras, sobre as esculturas.

Segundo o filósofo e historiador mexicano Miguel León- Portilha (2012, p.27), a produção de cerâmica na Mesoamérica teve início por volta de 2300 a.C. Em várias partes do México Central e Meridional e na América Central, começou a proliferação de aldeias de agricultores e artesãos de cerâmica.

Exemplos destes bonecos articulados confeccionados em barro no período pré-hispânico, conforme nos afirma Jara V., (2013, p. 20), foram encontrados em sítios arqueológicos correspondentes às culturas Maya, Totonaca, Teotihuacana, Tlaxcalteca, Cholulteca e Mexica (Asteca), entre outras. Esses povos habitavam uma área cultural específica que compunha a Mesoamérica.

Esta região se localizava nas regiões atuais do México, da Guatemala, El Salvador, Honduras; em menor expressividade, nas da Nicarágua e Costa Rica, assim como do Equador, Peru, e da Bolívia nos Andes Centrais (PORTILHA,

2012, p. 25). E alguns destes bonecos foram datados existentes a partir do ano 300 d. C., a maioria medindo aproximadamente de seis centímetros a trinta e cinco centímetros de altura. Com os braços e pernas articuláveis unidos ao corpo por fibras naturais. Como se pode ver na figura abaixo:

Figura 2- Figura articulada totocana, com furo no alto da cabeça. (Museu Rufino Tamayo México). JARA V., Alejandro. Títeres Préhispánicos de Mesoamérica. In: Tierra Adentro, el INBA en la republica Mexicana, México, INBA, n41, p. 26-32,1985.



Segundo o levantamento feito por Jara V. (2013), estes bonecos revelam traços e estilos escultóricos, materiais e técnicas de manipulação específicos de cada região. Como, por exemplo, o boneco da figura 2, que traz no topo da cabeça um orifício. Segundo o autor (2013, p. 24), este orifício poderia ser o local onde se prenderia uma corda. Sugerindo que, possivelmente, as manipulações destes bonecos fossem diferentes das técnicas de manipulação conhecidas na atualidade.

Mesmo não estando vestido, o boneco revela vestígios em sua estrutura escultórica e suportes que sugerem uma rica ornamentação composta por joias, pinturas e, possivelmente, uma tanga, confeccionada em escala reduzida em relação à dimensão da indumentária masculina totocana do período.

Entretanto, na Mesoamérica havia, na mesma cultura, diferentes tipos de bonecos que necessitavam de vestimentas específicas, como é o caso da cultura Maia. Pois, na região de Bilbao na Guatemala, em um sitio arqueológico, há um

monólito de aproximadamente três metros de diâmetro, chamado “Monumento 21 de Bilbao”, onde está esculpido, em baixo relevo, a figura de um bonequeiro maia manipulando um boneco de luvas, entre várias imagens esculpidas na mesma pedra.

Figura 3- Traje do boneco de luva e de bonequeiro maia. Representação gráfica de parte da escultura em baixo relevo do “Monumento 21 de Bilbao” (Guatemala). In: JARA V., Alejandro. Títeres Préhispanicos de Mesoamérica. In: Tierra Adentro, el INBA en la republica Mexicana, México, INBA, n41, p. 26-32, 1985.



Como se pode ver na figura acima, que é um recorte digitalizado dos contornos da figura na pedra, este bonequeiro representa uma figura totêmica. Caracterizado por um grande cocar possivelmente de plumas, uma tanga maia, um colar de grande expressividade e possivelmente uma pedra pontiaguda na boca.

O boneco se aproxima muito dos bonecos de luva atuais, pois, sua composição está estruturada basicamente no traje de cena, que é uma vestimenta tubular com uma ampla abertura, para ser vestida com facilidade, como uma luva, decorada na parte inferior, provavelmente, por bordados com fios decorativos de fibra vegetal.

Como no boneco atual, o boneco maya tem os braços abertos, as mãos definidas e a cabeça de expressão neutra, adornada por um pequeno cocar e

jóias. Possivelmente pedrarias, o que caracteriza esta vestimenta como a representação de um traje nobre maia.

Porém, especificamente o traje do boneco de luva não se trata de uma vestimenta sobre uma escultura na composição da figura. Neste caso, o traje é a estrutura que unifica e caracteriza a figura. A mão do bonequeiro veste o boneco, mas não é o boneco, trata-se apenas de um sistema de manipulação, cujos movimentos são realizados no interior do boneco.

Desta forma, o traje de cena do boneco de luvas, desde a pré-história latino-americana, está situado em um seguimento onde a vestimenta estabelece uma relação de estrutura epidérmica com o boneco. A mão do bonequeiro é a estrutura interna do corpo do boneco, um mecanismo como ossos e músculos; e o traje, um tipo de pele de fibra vegetal, que cobre, identifica e singulariza o boneco permitindo-lhe expressar-se através do movimento no rito maia.

3. Considerações Finais.

O traje do boneco mesoamericano representa, para a história do traje de cena de teatro de bonecos da América Latina, o que o traje ditirâmico grego representa para a história do traje de cena no teatro.

Até o século XVI, antes da chegada europeia às américas, período em que o rito religioso precedia à estrutura do teatro de bonecos, o traje do boneco mesoamericano estava inserido em um contexto ancestral ameríndio, de crenças animistas, em culturas mesoamericanas, onde o homem se relacionava com a divindades através de crenças e ritos, nos quais o boneco ocupava um lugar de destaque na representação de figuras totêmicas.

O traje do boneco era determinante na composição destas figuras, e uma representação em escala reduzida da indumentária ritualística, utilizada pelos nobres, porque era uma representação totêmica de figuras de deuses das culturas

mesoamericanas. Desta forma, a confecção em escala, reduzida ou ampliada, é um elemento determinante para caracterização específica do traje de cena do boneco mesoamericano.

Este traje do boneco era composto supostamente pelos mesmos elementos que compunham o traje do manipulador utilizado no rito: joias de pedrarias, armaduras, plumarias, pinturas e peças em tecidos de fibras vegetais. Entretanto, não foram encontrados, até o momento, peças destas vestimentas ou bonecos trajando partes em tecido. Há apenas os registros pictóricos e as esculturas que têm em seus traços a configuração dos trajes.

Pode-se dizer que o traje de cena do boneco mesoamericano transpassava a dimensão real e decorativa da vestimenta. Este compunha e integrava o corpo do boneco ampliando e codificando simbolicamente o objeto articulado no contexto do rito.

4. Referências Bibliográficas

AMARAL, Ana Maria. Terminologias e Natureza do Teatro de Bonecos. In: Teatro de Formas Animadas. São Paulo: Edusp. 3ª Ed., p. 71- 75, 2011.

ANAWALT, Patricia Rieff. Mesoamérica. In: A História Mundial da Roupas. São Paulo: Senac, p. 422-440, 2011.

BELL, Jhon. Intruduction. In: Puppets, Masks, and Perfoming Objects. London: TDR Books, p.5-18, 2001.

BOONE, Elizabeth Hill; trad. Juan José Utrilla Trejo. La Escritura em Imágenes. In: Relatos Em Rojo y Negro: Histórias Pictóricas de Aztecas Y Mixtecos. México: FCE, p. 40-79, 2010.

CHAN, Román Piña. Introducción. In: Historia, Arqueología y Arte Prehispánico. México: FCE. 2 Ed p. 11- 14, 2013.

JARA V., Alejandro. Títeres Préhispanicos de Mesoamérica. In: Tierra Adentro, el INBA en la republica Mexicana, México, INBA, n41, p. 26-32,1985.

_____, Alejandro. Títeres Préhispanicos de Mesoamérica: Una Página de la Historia del Teatro de Muñecos en America Latina. In: Móin Móin, SCAR/UEDESC, ano 9, n. 11, p.17- 28, 2013.

PORTILLA Miguel León; org. Leslie Bethel. A Mesoamérica antes de 1519. In: História da América Latina, V1. São Paulo: Edusp, FUNAG. 2 Ed, p. 25-63, 2012.

QULIC, Cassiano Sydow. Teatro e Ação Ritual. In: Antonin Artaud: Teatro e Ritual. São Paulo: Annablume/ FAPESP, p. 35-64, 2004.